

**Pedro Eiras. *Esquecer Fausto*—a fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol. Porto: Campo das Letras, 2005.**

Luis Maffei

Li, inteiro, *Esquecer Fausto*. Notícia óbvia, pelo suposto que é um recenseador ter lido a obra sobre que/a partir da qual escreve. Mas notícia que possibilita um viés, ou ponto de vista, que a mim interessa deveras; leio na introdução: “(...) se não há fragmento nem totalidade *por si próprios*, se ambos dependem de uma *diferença* que os desconstrói, o objecto de estudo é menos a totalidade ou os fragmentos do que o modo pelo qual a escrita/leitura os inventa” (32). Repito, com Pedro Eiras: “modo pelo qual a escrita/leitura os [fragmentos e ou vs. totalidade] inventa.” Este será, a meu ver, um modo privilegiado de abordar o livro: a invenção, pela escrita, duma tensão nunca excludente mas sempre problemática entre “fragmentos” e “totalidade” na própria constituição de *Esquecer Fausto*.

A propósito, o livro origina-se duma Tese de Doutoramento, o que poderia pressupor a existência nele de alguns vícios acadêmicos. Rechaço tal hipótese por duas razões: 1) não acredito tanto assim em “vícios acadêmicos,” pois a Academia é menos afeita a (escrevi *menos afeita* pois não quero grafar, já que não a considero, *desafeita* ao que digo na seqüência) vícios do que supõe uma sub-reptícia, a ela e a instâncias a ela exteriores, voz; 2) havendo tais vícios, isso pouco diz a Pedro Eiras, ensaísta dos mais criativos e corajosos.

Volto à constituição de *Esquecer Fausto* como organismo em estado de *opera*, portanto como *obra*, não como Tese, pois ali não há exatamente defesas, mas leituras: por um lado os fragmentos, por outro a totalidade. Linhas acima, pus *versus* entre uma possibilidade e a outra, mas devo repensá-lo imediatamente, pois “o modo pelo qual a escrita” deste livro se coloca não os opõe, mesmo que os difira. O fato é que existe, na própria escolha temática, uma espécie de fragmentação, pois toda escolha acaba por ser, com efeito, ato fragmentário, ao menos no nível do recorte. Fragmenta-se, portanto, a literatura portuguesa do século XX para que se ponham a ler Raul

Brandão, Fernando Pessoa/Bernardo Soares, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol. Fragmenta-se ainda mais, pois cada um dos autores comparece com uma obra, ou “Texto” (536), se eu quiser falar mais uma vez com Eiras, que fala aqui, por sua vez, com Roland Barthes: em ordem cronológica são lidos *Húmus*, *Livro do desassossego*, *Photomaton & Vox* e *Lisboaleipzig*—não obstante as iluminadoras leituras que Eiras realiza do demais das obras de cada um de seus contemplados autores, acabando por lê-las, em certa medida, como *todos*: de novo em relação os fragmentos e a totalidade.

Sublinho que *Esquecer Fausto* é um livro de 757 páginas, das quais 691 de texto e as restantes de generosíssimas bibliografias. Falo de generosidade, falo mais: antes da abordagem do primeiro autor estudado, Raul Brandão—e também no correr dos capítulos—Eiras realiza um notável passeio pela história do pensamento que se terá debruçado especialmente sobre os temas do fragmento, da totalidade, da subjetividade e da linguagem. Ponto nodal da *opera*: o autor, mesmo quando discorda, mesmo quando afasta sua leitura de outras, fala *com*, não apenas *com* os autores a que se dedica com sensível paixão e nenhuma ingenuidade, mas também com os que pensaram antes certos temas urgentes para o livro. Exatamente por isso, a adoção do plural majestático (por alguém, faço questão de assinalar, useiro e vezeiro, em diversos outros trabalhos, no uso da primeira do singular) é às vezes redundante, às vezes modalizadora demais das novidades que o ensaio apresenta: único vício acadêmico daquilo que foi uma Tese?

Mas isto não importa, é uma tola filigrana. O que importa é o quanto de informação Eiras recolhe para falar *com*, e falar desde um tempo que é o seu, num entendimento notável da “catastrófica descrição de Gilles Lipovetsky” (687) do homem pós-moderno como já não analogizável a Fausto, mas sim a Narciso. Entendimento, claro, pelo ensaísta re-entendido e deslocado, pois o “mito de Narciso enfatiza a distância infinita entre o sujeito e ele mesmo (...), não um mito de unidade egótica. Ler o texto é compreender de que modo essa ficção se faz nele” (691).

Tal compreensão permite ao autor, por exemplo, perceber a questão da necessidade de uma operação moderna de luto, presente em Brandão (que “não explora uma verdade certa da crise de valores, mas uma incerta crise da verdade dos valores” (72) e Pessoa/Soares “não admira que (...) o semi-heterônimo concilie o entusiasmo modernista que o faz sonhar projectos de Livro total e o cansaço decadentista de quem se sabe nascido tarde demais para qualquer revolução estética ou política” (344), *desde* a pós-modernidade.

Aproveito para ressaltar: a Pedro Eiras não assusta pensar em pós-modernidade, e ele o faz de modo raramente lúcido.

Desde específicos *lugar e tempo* de escrita, o ensaísta pode localizar, já que o “luto do sujeito forte não é um projecto, mas um facto, e por isso *já não há luto*” (684), um sujeito forte em Herberto Helder, radicalmente criado pelo texto (que é criador também dum mundo, pois, no caso herbertiano, “o mundo como ‘movimento e transmutação’ não existe *per si*, mas é criação da escrita” (432), e a assunção de figuras na obra de Llansol, em quem é afirmada a “polissemia” e a “relativização” de uma “leitura logocêntrica: se há negatividade, ela subordina-se a uma educação da (des)leitura. *Lisboaleipzig* invalida assim a angústia da perda e do luto que gera textos como *Húmus* ou *Livro do desassossego*” (552).

Agora é já tempo de afirmar o que comecei a sugerir com a referência ao tamanho do livro e à gênese abrangente que o constitui, mesmo bibliograficamente: ao estudar o fim da ambição fáustica de totalidade, e também ao fragmentar a história de uma literatura, Pedro Eiras acaba por criar uma espécie de totalidade em problema, pois seu livro acusa a impossibilidade do total sendo, ele mesmo, um “Texto” em certa medida totalizante daquilo que estuda. E talvez seja esse o dado mais espantosamente *novo* do ensaio: sem já acreditar naquilo que a própria modernidade acabou por entender como falácia, e sem, tampouco, extremar a crença arriscada de que o fim das meta-narrativas seja por si só uma redenção, *Esquecer Fausto* não deixa de possuir, de algum modo, a pretensão de dar conta a fundo, ou, se eu quiser brincar com a idéia fáustica por excelência, *totalmente* de seus objetos de estudo.

Portanto, não é casual que dois dos autores ali comparecentes, Pessoa/Soares e Herberto Helder, pensem no livro total. Tampouco é casual que o ensaísta detecte a impossibilidade do projeto do primeiro, e, na abordagem do segundo, recolha um livro que não é o *Livro* herbertiano (Eiras discordaria desta minha grafia com maiúscula, suponho...), a *Poesia toda*, mas *Photomaton & Vox*, lugar notável da ironia de Herberto Helder. Do mesmo modo, é o livro constantemente mudado de Raul Brandão que se privilegia no longo ensaio, e a autora que o encerra, Maria Gabriela Llansol, é aquela que, dada a “unidade de todos os livros desde *O Livro das Comunidades*,” investe na “dissolução das formas” (538). Não faz sentido, evidentemente, falar do projeto da enciclopédia renascentista, escrita universalizante capaz mesmo de aspirar a certa metafísica. Mas, caso houvesse uma atualização de tal projeto, e se essa atualização fosse capaz de reconhecer a maravilha que é um sujeito como função e, por vezes, ficção, isto estaria, certamente, muito próximo do magnífico trabalho de Pedro Eiras.

Luis Maffei é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com tese sobre Herberto Helder. É também poeta, tendo estreado com *A* (Oficina Raquel, 2006). Tem artigos publicados em diversos periódicos especializados.  
Email: [luis.maffei@terra.com.br](mailto:luis.maffei@terra.com.br)